

TÍTULO DE ESPECIALISTA

As Flautas Grandes

Uma apresentação da Flauta em Sol, da Flauta Baixo
e da
Flauta Contrabaixo

Stephanie Wagner

Dezembro 2014

ÍNDICE

1. Introdução

2. Contexto Histórico das Flautas Grandes

3. As Flautas Grandes

3.1 A Flauta em Sol

3.1.1 Desenvolvimento da Flauta em Sol

3.1.2 Afinação, Registo e Sonoridade da Flauta em Sol

3.1.3 Repertório de Orquestra/Ensemble e a Solo

3.2 A Flauta Baixo

3.2.1 Desenvolvimento da Flauta Baixo

3.2.2 Afinação, Registo e Sonoridade da Flauta Baixo

3.2.3 Repertório de Orquestra/Ensemble e a Solo

3.3 A Flauta Contrabaixo

3.3.1 Desenvolvimento da Flauta Contrabaixo

3.3.2 Afinação, Registo e Sonoridade da Flauta Contrabaixo

3.3.3 Repertório de Orquestra/Ensemble e a Solo

4. Outras Flautas de grandes Dimensões... e o Futuro?

5. Bibliografia

1. Introdução

No início dos meus estudos no New England Conservatory em Boston, em 1993, pouco sabia sobre as flautas grandes. Rapidamente me apercebi de que a competição entre os alunos de flauta para tocar em público era enorme, e que a única maneira de ser convidada para participar em concertos, uma distinção reservada aos alunos mais avançados, seria tocando uma das flautas “fora do vulgar”. Felizmente consegui emprestar uma Flauta em Sol da escola e comecei a trabalhá-la intensivamente, com sons longos, escalas e exercícios. Gostei do trabalho, e extendi-o à Flauta Baixo. Foram muitas horas dedicadas a estes instrumentos que me ajudaram a poder ganhar experiência muito cedo, participando em concertos, gravações e digressões, de outra maneira inacessíveis para uma jovem flautista do 1º ano do curso.

Só mais tarde, já como elemento do Remix Ensemble da Casa da Música, surgiu a oportunidade de tocar a peça *Registre, rubato et résonances* de Emmanuel Nunes, para violino, flauta octobasse e clarinete baixo, baseada num tema de J.S. Bach. Após uma conversa com o compositor, e como as flautas octobasse são muito raras, decidimos emprestar uma Flauta Contrabaixo da constructora holandesa Eva Kingma, especializada nas Flautas Grandes. Tocar essa flauta foi uma experiência única, e em 2012 resolvi investir num instrumento meu.

Muitas vezes sou confrontada com a crítica: “Para quê tantas flautas grandes? Não se consegue ouvir, e não há repertório!”. Comentários como estes convencem-me ainda mais de que ainda há muito trabalho a fazer na divulgação e apresentação destas flautas ao público, não só pela qualidade sonora que cada uma delas oferece mas também pelas possibilidades que ainda estão por descobrir. Alguns flautistas, como Matthias Ziegler na Suíça, Peter Sheridan na Austrália e Pierre-Yves Artaud em França dedicam-se à pesquisa de sonoridades e timbres novos e efeitos percussivos, trabalhando com amplificação, gravações instantâneas e loops. O resultado é um mundo sonoro absolutamente fascinante, que tento partilhar com os meus alunos e o público em geral para lhes dar uma percepção nova do que a flauta, tal como a conhecemos, ainda tem a dar.

2. Contexto Histórico das Flautas Grandes

“A Flauta” é um dos instrumentos mais antigos conhecidos na história da humanidade, existindo relíquias pré-históricas feitas de ossos de animais que datam de há 43.000 anos. Também a necessidade de criar e desenvolver flautas maiores existe há muito tempo, embora a primeira vez que encontramos prova documentada da existência de flautas grandes é nas bandas militares do tempo renascentista. É nesta altura que surgem consorts, grupos de música de câmara com instrumentos da mesma família, com flautas em tonalidades diferentes (soprano, alto, tenor e baixo), embora muito básicas e com vários problemas. Já que o registo era bastante limitado (pouco mais que uma oitava), havia muitos instrumentos em várias tonalidades para cobrir o maior número possível de notas. Feitas de um tubo grosso de madeira, elas rapidamente, com a expansão para os graves, tornaram-se muito pesadas e difíceis de tocar por causa de dedilhações complicadas e a distância grande entre os buracos.

Mesmo assim há repertório do séc. 16 que ainda é tocado e demonstra a qualidade do repertório escrito nessa altura para uma família de instrumentos tão básicos. Só em meados do séc. 19, quando Theobald Boehm desenvolve a flauta com chaves, é que começa a ser possível desenhar flautas maiores com menos deficiências. E aí começa a vida das grandes flautas transversais.

3. As Flautas Grandes

3.1 A Flauta em Sol (Flauta Alto)

3.1.1 O Desenvolvimento da Flauta em Sol

A primeira Flauta Alto foi construída em 1854/55 pelas mãos do homem que redesenhou a Flauta em Dó, Theobald Böhm (1794-1881). Com os seus desenvolvimentos (tubo da flauta cilíndrico, sistema de dedilhações revisado, adição de chaves e posição de buracos recalculada), Boehm não só melhorou a afinação do instrumento como também aumentou o registo da Flauta em Dó, de maneira que ela incorporasse as antigas flautas alto e tenor num instrumento. Mas Boehm também investiu na Flauta em Sol que desenvolveu, não só para melhorar a afinação, mas para fazer

dela um instrumento mais solístico. Ele tentou dar-lhe mais volume para ela soar mais e poder ser utilizada com mais frequência. Eventualmente autorizou a utilização dos seus desenvolvimentos na Flauta em Sol a importantes construtores de flauta, como Louis Lot em Paris e Rudall, Carte and Rose em Londres, os últimos dos quais acabaram por construir a primeira Flauta em Sol em série em 1891. Alguns compositores não resistiram à tentação e incluíram-na nas suas composições, criando a confusão a muitos por chamar-lhe Flauta Baixo em Sol, já que na altura era a flauta mais grave que existia, embora queriam dizer Flauta Alto em Sol (por exemplo nos “Planetas op. 32” de Gustav Holst).

Até hoje esta flauta foi pouco modificada, sendo a maioria construída de prata ou prata níquelada. Há modelos com a cabeça encurvada, o que causa menos cansaço nos braços, e muda o centro de gravidade para mais junto ao corpo, o que a faz parecer ser mais leve. Naturalmente a mudança entre a Flauta em Dó e a em Sol também é facilitada. A embocadura na cabeça da flauta é muito parecida à usual na Flauta em Dó, embora proporcionalmente maior. Para o flautista é importante relaxar mais a embocadura, e de soprar com um fluxo do ar muito constante e maior do que na Flauta em Dó.

Os constructores mais conhecidos são a Sankyo, Altus e a Pearl, com instrumentos de série. Um nível superior é oferecido pelas constructoras Muramatsu, Brannen e Yamaha. Quem quiser uma Flauta em Sol feita à mão e com especificidades individuais pode optar por uma flauta da Eva Kingma, que faz ajustes na técnica do instrumento para vir ao encontro da especificidade da mão e dos dedos (comprimento, largura etc) de cada flautista, mas também oferece várias cabeças à escolha.

3.1.2 Afinação, Registo e Sonoridade da Flauta em Sol

A Flauta em Sol é, tal como diz o nome, baseada na nota Sol, o que quer dizer que a nota mais grave é um Sol (uma quarta abaixo do Dó médio e da Flauta em Dó). O registo engloba 3 oitavas, com uma sonoridade que muda muito do grave para o agudo. No registo grave a Flauta em Sol é conhecida por ter um som suave e doce, rico em harmónicos. No agudo é mais penetrante, com a afinação menos equilibrada, tendo que se recorrer a dedilhações alternativas regularmente para manter a afinação correcta. O diâmetro da flauta naturalmente influencia bastante a qualidade sonora: de um tubo maior é extraído um som mais rico mas pode dificultar o fraseamento por causa de quebras no fluxo do ar.

3.1.3 Repertório de Orquestra/Ensemble/Solo

Deve ter sido o próprio Theobald Boehm que fez os primeiros arranjos para a sua nova Flauta em Sol. Ele serviu-se de obras de Franz Schubert e W.A. Mozart para apresentar o seu desenvolvimento nos seus concertos. Depois da primeira fase, a Flauta em Sol foi aceite rapidamente pelos compositores no início do século 20, sendo pedida em obras tão importantes como a *Sagração da Primavera* de Igor Stravinsky (1913), as *Suites de Daphnis et Chloé* de Maurice Ravel (1912), *The Planets op. 32* de Gustav Holst (1916) e mais tarde na *Séptima Sinfonia* de Dimitri Shostakovitch (1940). A Flauta em Sol tornou-se um instrumento favorito dos compositores em Hollywood, dando-lhe bem recentemente grandes solos no *Senhor dos Anéis – Lord of the Rings* (Howard Shore, 2000). Também nos musicais de Broadway, nomeadamente em composições de Jerome Kern (*Music in the air*, 1932, entre outros), a Flauta em Sol vive uma história de sucesso.

É natural que a música contemporânea, com a sua procura por sons novos, encontrou na Flauta em Sol um instrumento ideal para utilizar nas suas criações. Pierre Boulez (*Le marteau sans maître*, 1955) e Emmanuel Nunes (*Épures*, 2005) só são dois de muitos outros compositores que utilizaram a Flauta em Sol de maneira extremamente virtuosística. Também na música de câmara, e por aí haver menos problemas com a flauta ser ouvida, a Flauta em Sol surge frequentemente. De mencionar são *Versus III (1987) para Flauta em Sol e Viola*, de Emmanuel Nunes e “*Toward the Sea*” de Toru Takemitsu (1981)

No âmbito do repertório a solo há obras por compositores como Karlheinz Stockhausen (*Susani's Echo*, 1988), André Jolivet (*Incantation*, 1937), Isang Yun (*Études*, 1974), Kaija Saariaho (*Couleurs du Vent*, 1998), Brian Ferneyhough (*Sisyphus Redux*, 2011), Giacinto Scelsi (*Quays*, 1954) e, mais recentemente, Carlos Guedes (*Mimo*, 2013).

3.2 A Flauta Baixo em Dó

3.2.1 Desenvolvimento da Flauta Baixo

O surgimento da Flauta Baixo é o passo seguinte de esperar no desenvolvimento das flautas

grandes, depois do sucesso da Flauta em Sol. A necessidade por uma flauta maior foi especialmente sentida nas bandas militares no Reino Unido, que tiveram uma popularidade tremenda no início do século 20. Após algumas décadas de experiências nesse sentido, inclusive o “Albisiphone” de 1910 (uma flauta baixo vertical com duas oitavas e meia) desenvolvido por Abelardo Albisi em Milão, surge outra vez das mãos dos constructores Rudall, Carte and Company nos anos 1920 a Flauta Baixo em Dó, um instrumento que era tocada na diagonal.

A nossa Flauta Baixo contemporânea é muito parecida a essa última: construída em metal com banho de prata, volta, por causa do peso inferior aos modelos antigos, à posição horizontal com cabeça encurvada. Surge nos anos 1930 e estabelece-se como flauta mais grave da família, posição que ocupa durante muitas décadas.

3.2.2 Afinação, Registo e Sonoridade da Flauta Baixo

Tal como na Flauta em Sol, o diâmetro da flauta influencia profundamente a qualidade sonora da Flauta Baixo contemporânea. Em geral pode se dizer que quanto maior for o diâmetro, mais rico será o som no registo grave. Como um diâmetro maior exige mais ar do flautista, e também reduz a flexibilidade e a rapidez na resposta, muitos flautistas optam por uma flauta com um diâmetro mais pequeno, embora este limita a qualidade sonora nos graves.

Afinada em Dó, a Flauta Baixo soa uma oitava abaixo da Flauta em Dó, e, graças ao sistema Boehm, também abrange 3 oitavas. Necessita de um fluxo de ar ainda mais lento e estável que a Flauta em Sol, e, graças ao seu timbre rico em cor mas pouco forte, sugere a utilização de amplificação.

3.2.3 Repertório de Orquestra/Ensemble e a Solo

A primeira obra que indica a utilização da Flauta Baixo em Dó é a ópera *Palestrina* de Hans Pfitzner (1917). Desde então não há muitas obras, mas nos últimos 30 anos desenvolveu-se uma nova vaga interesse da parte dos compositores, causada provavelmente pelos desenvolvimentos recentes na amplificação. Assim compositores como Tristan Murail (*Ethers para Flauta Baixo e Ensemble, 1978*), Brian Ferneyhough (*Mnemosyne para Flauta Baixo Solo, 1986*), Emmanuel Nunes (*Ludi concertati, 1985*), Olga Neuwirth (*Construction in Space, 2000*) e Franco Donatoni (*Abyss, 1983*) são só alguns dos nomes de compositores conhecidos do nosso tempo que utilizam

esta flauta de maneira solística. Em Ensembles é utilizada por compositores como James Dillon (*Philomela*, 2004). A riqueza do som convence imediatamente, dando aos compositores uma paleta de cores totalmente diferente.

3.3 A Flauta Contrabaixo

3.3.1 O desenvolvimento da Flauta Contrabaixo

A Flauta Contrabaixo, embora surgindo cada vez mais nos últimos 15 anos, continua a ser um instrumento raro e surge da necessidade dos coros de flautas, especialmente nos EUA, de uma base sonora grave para o resto do grupo. Muitas vezes chamada *gigante gentil*, o tamanho da flauta não corresponde à dinâmica que ela emite, sendo que na maioria dos casos ela é utilizada com amplificação.

Por cause da raridade do instrumento, os poucos constructores que vendem esta flauta são muito individualistas no seu desenvolvimento. Eva Kingma e Jelle Hogenhuis na Holanda, Kotato e Fukushima no Japão e Christian Jäger em Munique, Alemanha, elaboram instrumentos em contacto estreito com os clientes.

3.3.2 Afinação, Registo e Sonoridade da Flauta Contrabaixo

A Flauta Contrabaixo é afinada em Dó, tal como a Flauta em Dó e a Flauta Baixo, só que soa duas oitavas mais graves do que a primeira, e uma oitava mais grave que a segunda. O registo mais forte encontra-se entre o primeiro e o segundo Sol da flauta, sendo que nos agudos ela perde a intensidade. Nos graves ela soa quase como um fagote, se o intérprete tiver o ar suficientemente tranquilo e a quantidade necessária para tirar as notas. Por mais incrível que pareça, uma Flauta Contrabaixo consegue muito bem ser ouvida num ensemble ou num coro de flautas.

Com o aumento das dimensões das flautas perde-se bastante em volume, mas em contrapartida muitos dos efeitos contemporâneos utilizados na Flauta em Dó fornecem um paleta de sons magnífica. Efeitos com o ar (harmónicos e som com ar), a língua (Tongue Ram e pizzicato) e os dedos (key clicks) encontram uma ressonância muito superior que amplifica o gesto. Sem estes efeitos as flautas grandes perderiam muito do seu charme.

3.2.3 O Repertório da Flauta Contrabaixo

Naturalmente terá haver com a juventude do instrumento que ainda existe pouco repertório dedicado à Flauta Contrabaixo. Os compositores, mesmo se têm interesse, também não podem assumir que um flautista tem acesso a uma destas flautas. Especialmente quando são feitas encomendas a compositores há um diálogo activo entre o compositor e o flautista solista ou de um ensemble, para saber quais os instrumentos acessíveis. Foi assim com o compositor Emmanuel Nunes que incluiu a Flauta Contrabaixo na sua ópera *La Douce* (2009) após ter a confirmação que o Remix Ensemble teria acesso a um modelo da Eva Kingma. O mesmo compositor já tinha escrito *Rubato, registre et résonances* para violino, flauta contrabaixo e clarinete baixo em 1991.

Associações, tal como a National Flute Association (NFA) nos Estados Unidos, organizam todos os anos competições e concertos para encorajar os compositores de comporem para as flautas grandes. Assim surge uma boa selecção de peças de compositores practicamente desconhecidos. Ensembles, como o Éolia Ensemble, e intérpretes, como Matthias Ziegler e Peter Sheridan, trabalham juntamente com os compositores para estes conhecerem melhor o instrumento e desmistificar alguns dos preconceitos. Assim surgem peças de Daniel Felsenfeld (*The Low Chamber for Contrabass flute and piano, 2013*) escrito no ramo de uma competição da NFA, e de Benjamin Yusupov (*NOLA, 1994*), encomendada por Matthias Ziegler.

4. Outras Flautas de grandes dimensões o futuro?

Para além das flautas descritas neste trabalho ainda existem, obviamente, outras variantes desenvolvidas por construtores, flautistas e compositores, muitas vezes numa pessoa só. A holandesa Eva Kingma tem uma Flauta Contra-alto, que soa uma oitava por baixo da Flauta em Sol, ou uma quarta abaixo da Flauta Baixo. Ela também desenvolveu uma flauta Sub-Contrabaixo com mais de 15 metros de tubo (uma oitava mais grave que a Contrabaixo) para os coros de flauta muito populares nos Estados Unidos.

Jelle Hogenhuis desenhou e construiu uma Flauta Hiperbaixa para o flautista Peter Sheridan, recorrendo a um tubo de PVC para ajudar a manter a parede do tubo fino, já que o volume diminui com o aumento da largura do tubo.

E o futuro?

Na minha opinião será difícil criar uma flauta maior do que a Hiperbaixa, nem sei qual seria o incentivo, já que o transporte se torna um pesadelo e as frequências quase já se encontram fora do alcance do ouvido humano. Por outro lado ainda há muito trabalho a fazer no aperfeiçoamento das flautas grandes já existentes, e na motivação dos compositores a comporem mais para elas. Eu tenho a certeza de que há muitas peças fantásticas que serão escritas para estes instrumentos, se e quando os compositores finalmente tiverem acesso e o conhecimento necessário para lhes dedicar o seu tempo. Por meu lado, eu vou continuar a usar as minhas flautas grandes em concertos, palestras e workshops para que compositores e público tenham conhecimento da existência delas e de reconheçam o potencial.

Bibliografia

Artaud, P.-Y. (1995). *Flûtes au Présent*. Paris: Gérard Billaudot Éditeur.

Bernold, P., Dufeutrelle, S., & Ploquin-Rignol, A. (2002). *Dix ans avec la flûte*. Paris: Cité de la musique.

Bledsoe, H. (n.d.) *Long List of Graded Repertoire with Extended Techniques for unaccompanied Flute, Piccolo, Alto and Bass Flute*. Consultado em Novembro, 4, 2014 em <http://helenbledsoe.com/erep.html>

Hoitenga, C. (n.d) *Camilla Hoitenga*. Consultado em Novembro 7, 2014 em <http://www.hoitenga.org/>

Levine, C., & Mitropoucos-Bott, C. (2002). *The Techniques of Flute Playing I e II*. Kassel: Bärenreiter-Verlag

Levine, C. (n.d) *Carin Levine*. Consultado em Novembro 13, 2014 em <http://www.carinlevine.de/CL%20Ordner/test.html>

Rees, C. (n.d.). *Carla Rees – Alto and Bass Flute*. Consultado em Novembro, 4, 2014 em <http://www.carlarees.co.uk/>

Sheridan, P. (n.d.). *Low Flutes*. Consultado em Novembro, 3, 2014 em <http://www.lowflutes.com/>